

UMA GEOGRAFIA DE ROSTO HUMANO

MARIA JOSÉ DIAS*

Resumo: *Ao longo da sua vida, e nos mais diversos suportes literários, Miguel Torga foi desenhando uma geografia de rosto humano a partir da sua reação aos espaços que ia percorrendo. Neste texto se procurará mostrar como, a partir do chão transmontano, verdadeiro marco geodésico existencial, Torga foi revelando a sua natureza telúrica e o seu iberismo, ao mesmo tempo que se foi aferindo e redimensionando como homem, no confronto com as terras e gentes que foi preservando nos livros.*

Nessa inscrição literária, nascida de uma reação orgânica e subjetiva e de um olhar prospetivo de horizonte humano, o autor busca compreender os contornos humanos que as diferentes geografias físicas e culturais produziam. Nesse exercício, que dota os espaços de densidade humana, e lhes confere identidade e historicidade, se fecunda e alarga a noção de paisagem patrimonial.

Palavras-chave: *paisagem; subjetividade; identidade; património.*

Abstract: *In different literary means, and throughout his lifetime, Miguel Torga kept drawing a human-like geography, as his senses reacted to the places he visited and walked through.*

With this article, we try to show how, from his native land of Trás-os-Montes, a true existential geodesic marker, Torga displayed his telluric and Iberian nature, as he kept assessing and resizing himself as a man, by the experience of meeting new places and people that he preserved in books.

By that literary inscription, born of an organic and subjective reaction and of a prospective look of human horizon, the author seeks to understand the human contours that the different physical and cultural geographies produced. In this exercise, which endows the spaces with human density, and gives them identity and historicity, the notion of heritage landscape is nurtured and expanded.

Keywords: *landscape; subjectivity; identity; heritage.*

Leiria, 23 de Abril de 1943 – Deus preserve uma terra de caber num livro! Nunca mais ninguém a pode arrancar dali, espalmada em prosa, em verso, em cenas e em melancolia. Esta deixou-se retratar inteira no Crime do Padre Amaro¹.

A afirmação de Torga que abre este texto pode enquadrar-se no que normalmente se entende como identidade paisagística, remetendo também para o relacionamento entre literatura e realidade e para a relação de duplo sentido que se pode estabelecer entre um espaço e a sua textualização. Para um escritor tão apaixonado pelo chão transmontano, que textualizou esse *reino maravilhoso* nos mais diversos suportes literários, o desabafo que a visita a Leiria lhe suscitou não podia ainda adivinhar (o texto é de 1943!) que também ele se encarregaria de preservar

* Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML), Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Este artigo foi desenvolvido no âmbito do programa estratégico “UIDP/ELT/00500/2020”, financiado pelos Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Email: dias.mariajose@gmail.com.

¹ TORGA, 1977a: 179.

terras nos livros e de, à sua maneira e à medida da sua personalidade e sensibilidade, contribuir para a perceção e criação de um património paisagístico e cultural engendrado a partir da letra do texto.

A noção de património, material ou imaterial, pressupõe, paralelamente à ideia de uma valorização amplamente reconhecida, um conceito mais abrangente, mais difuso e quase paradoxal, que remete para propriedade e apropriação legítima, com o reconhecimento alargado de outros. Se, no caso do património privado, a noção de propriedade é facilmente consensual, ela começa a esbater-se quando está em jogo um bem ou valor de abrangência nacional ou internacional. O orgulho patriótico e o sentimento de pertença a um povo e a uma história coletiva são feitos essencialmente dessa apropriação que cada um faz de um qualquer valor nacional, seja ele monumental, paisagístico, humano ou cultural. Mas nessa apropriação, nesse chamar a si uma qualquer realidade que nos pertence, mas que não é nossa de facto, opera-se, simultaneamente, um movimento de sinal contrário, de dádiva, de partilha ou comunhão, que, no caso de um valor reconhecido como património da Humanidade, ganha dimensão planetária.

Se o património é, (de acordo com a definição do *Dicionário Houaiss*), um «bem ou conjunto de bens naturais ou culturais de importância reconhecida num determinado lugar, região, país, ou mesmo para a humanidade, que passa(m) por um processo de arrolamento para que seja(m) protegido(s) e preservado(s)», é sabido que, muitas vezes, antes ainda de esse «arrolamento» ocorrer pela ação de um qualquer organismo oficial, nacional ou internacional, ele é frequentemente efetivado através da inscrição artística, seja através da fotografia, da pintura, da escultura, do cinema, seja, como no caso agora em apreço, através da literatura, que propicia que a partir dessa inscrição se construam identidades paisagísticas, culturais ou de outra ordem que se vão constituindo num património nascido da subjetividade criativa de um autor.

O entendimento do que foi e é a natureza e o perfil da terra transmontana muito deve à inscrição literária que dela fez Miguel Torga, nos mais diversos suportes literários: os diários, a poesia, os ensaios e o romance. Nascido em Trás-os-Montes, no chão duriense de xisto de S. Martinho de Anta, concelho de Sabrosa, Torga textualizou de forma impressiva e ao longo da sua vida uma paisagem natural e humana que viu acrescentada à sua condição inerente de património nacional natural (de que viriam a emergir zonas geograficamente demarcadas e classificadas, como a região demarcada do Douro – no que concerne à produção de vinho – e a paisagem classificada pela Unesco do Alto Douro Vinhateiro, além do Parque Natural da Peneda Gerês ou do Douro Internacional) a condição de património orgânico e identitário.

Há, claramente, uma geografia literária na obra de Torga. «Geófago insaciável», como se autocaracterizou, as suas viagens irradiaram todas a partir de uma

medula transmontana em função da qual o autor dimensionava outros lugares, outras gentes e outras formas de ver o mundo, ao mesmo tempo que se autodimensionava. Trás-os-Montes é, pois, a «terra de ancoragem»² do escritor, o chão orgânico e afetivo a partir do qual outras geografias começaram desde cedo a ser percebidas e equacionadas, num exercício frequente de redimensionamento humano sempre ancorado num telurismo e num iberismo profundos.

O Brasil, para onde foi levado em criança para escapar à pobreza rural e inevitável de S. Martinho de Anta, representou a sua primeira grande *experiência de espaço* e constituiu um verdadeiro processo iniciático, dorido e deslumbrante, que o autor textualizou nas páginas d'*A Criação do Mundo*. A existência de um oceano a separá-lo da terra natal confrontou-o com a noção de um longe radical, e o trabalho duro no meio de uma natureza e de uma gente estranhas marcou-o com a primeira percepção da deslocação e do desarraigamento que seriam fundamentais para mais tarde equacionar a noção de pátria, ou refletir e contextualizar o Brasil como destino do *El Dorado* português, como expõe nos *Ensaios e Discursos*. Aos olhos do adolescente assombrado por uma terra em tudo tão radicalmente diferente da sua e que aos poucos ia excitando os sentidos, e se ia entranhando neles, foi-se sedimentando a ideia de que é possível amar uma outra pátria, desta feita uma que se torna afeição orgânica, sem por isso deixar de ser um lugar «outro», pois «uma pátria não pode ser sócia de nenhuma outra»³.

A textualização que Torga fez do Brasil e a forma como, numa relação de duplo sentido, o mediou com a pátria primeira justificam que se analisem as suas impressões à luz da geopoética e da geocrítica, se considerarmos, como Patrícia Garcia, que o espaço não é textualmente construído apenas pela visão, mas também pelos outros sentidos, numa intensa polissensorialidade⁴. Diz Torga: «[...] E eu sou um homem de impressões digitais, das mãos e dos pés. O sulco do arado é tão impressivo para mim como o traço da caneta»⁵. Esta ligação mais impressiva a um espaço, de um ponto de vista sensorial e emocional, é também abordada por Yi-Fu Tuan em *Space and Place: The Perspective of Experience*. Distinguindo *espaço e lugar*, este já emocional e sensitivamente apropriado por um indivíduo, Tuan afirma que um determinado espaço se torna um lugar a partir do momento em que ele provoca uma pausa ou um descanso do olhar que, embora breve, o transforma em objeto suscetível de ser textualizado literariamente⁶.

Ora, orgânica e afetivamente ligado ao Brasil e à terra transmontana que o viu nascer, Torga reconfigura as suas coordenadas físicas e existenciais e vai

² BOUVET, 2015.

³ TORGA, 2000a: 130.

⁴ GARCIA, s/d: 25.

⁵ *Idem*, 1986: 23-24.

⁶ TUAN, s/d: 6.

textualizando o espaço do Novo Mundo ao mesmo tempo que vai dissecando e aquilatando as relações entre o homem e a terra. Nesse exercício, o espaço dota-se de significado e começa a engendrar-se uma geografia literária que redimensiona o espaço original, fecundando-o de sentidos e abrindo espaço a outras geografias, o mesmo é dizer, a outras coordenadas subjetivas que vão compondo cartografias afetivas e existenciais.

O escritor coloca em perspectiva as suas percepções e a dos emigrantes portugueses que, depois de ambientados à terra brasileira, se viam envolvidos em ambivalências difíceis de gerir, vendo nela uma terra de «policromias humanas» e naturais que era impossível raspar dos sentidos. Segundo Torga, o emigrante português movia-se numa zona instável e brumosa onde se era e queria continuar a ser português, mas onde já não era possível deixar de se sentir pertencer também ao outro lado do Atlântico. Sempre zeloso em esquadrihar as relações do homem com o seu chão natal ou com o que o acolhe, Miguel Torga chamará a estes emigrantes divididos entre duas pátrias «homens ubíquos», e reconhece neles um potencial para influenciar a Europa e condicionar o seu modo de olhar e perspetivar o que, até meados do século XX, era chamado o «Novo Mundo»⁷.

[...] O Novo Mundo era agora uma nova pátria embutida nos sentidos. Nada de raciocinado, de construído, de voluntário. Assimilação, apenas. Impregnação indelével de tatuagem. Vacina que pega e que, mesmo quando a imunização acaba, deixa uma marca na pele. A marca das Américas em todos quantos aqui vêm e aqui se demoram o tempo dum abraço total.

São estas duas vivências que tenho do Novo Mundo, uma inteiramente intelectual, a outra infiltrada no sangue. E, se a primeira pode não encontrar partidários incondicionais, a segunda é certamente subscrita por quantos tenham uma experiência análoga e não pensam a América, mas se incorporam nela sem deixarem de ser europeus. E eu não sei, em limpeza de alma, a que prefira.

De resto, além de que todos escrevem, comunicam com os parentes, e vão assim formando opinião, muitos desses homens ubíquos, com um pé lá e outro cá, ambos enraizados, regressam às vezes ao torrão natal. E no comportamento, na fala, nas ideias e nos hábitos adquiridos influenciam a Europa e condicionam também o seu modo de olhar o Novo Mundo. Uma razão a mais para que o testemunho deles não seja desprezado⁸.

A ligação orgânica e afetiva que o autor entreteceu com o Brasil é amplamente trabalhada nos seus *Ensaios e Discursos*. Aí se percebe a tessitura de ambivalências que a experiência além Atlântico representou, e o abalo produzido no seu telurismo:

⁷ TORGA, 2000a: 132-133.

⁸ *Idem*, 2000a: 132-133.

Confundo no mesmo espanto a Ursa Maior e o Cruzeiro do Sul, a flor do ipê e a do rosmarinho, a água do Doiro e a do Paraíba. Misturo tudo. E esse dualismo interior mortifica-me o coração. Torna-me inseguro e vulnerável. A minha unidade telúrica desintegrou-se. E convivem na mesma carcaça dois seres opostos. Um, europeu, de medidas greco-latinas; outro, americano, anárquico e transbordante. E nenhum vence o adversário, triunfa definitivamente do incómodo companheiro. Caminham ambos a par, negando cada qual o vizinho⁹.

Coimbra, 18 de Abril – Mais uma visita brasileira. E sempre o mesmo deslumbramento. Sempre diante de mim um homem nervoso, vivo, acordado, com reflexos capazes de apanharem um copo quando ele já vai a estatelar-se no chão. Foi o diabo eu não ter ficado naquela terra! Ali, entre gente nova e virgem, é que eu tinha coisas para dizer¹⁰!

Movido por esta dupla paixão, que configura um cenário de topofilia de dupla face, Torga viajará várias vezes para o Brasil, nomeadamente para intervir como orador nos centros transmuntanos de S. Paulo e do Rio de Janeiro. Nessas comunicações enfatizará a importância de o ser humano cruzar territórios e vivências, para aguçar os sentidos e se ir redimensionando na sua escala humana, tópico que retomará frequentemente nas suas reflexões diarísticas: «Gosto de me ver em terra alheia. É uma das maneiras de perspetivar a minha, a que medularmente me importa. O que eu tenho aprendido de Portugal longe das suas fronteiras!»¹¹.

E, de facto, o atravessamento de fronteiras, assim que lhe foi autorizada a saída do país pelo regime, forneceu ao escritor novas coordenadas geográficas, a partir das quais *lia* outras tantas formas de viver, que confrontava com a sua e com a forma de estar portuguesa. Deste aquilatar permanente de espaços e das vivências que neles se produzem ia-se desenhando, em traço cada vez mais vincado, *a sua paisagem*, que assim se ia acrescentando de sentidos. As paisagens que descreve e reflete nos seus diários abrem ao leitor quadros vivos, sentidos e humanizados, que aos poucos, e pelo confronto entre *um dentro* e *um fora* do país, vão ajudando a formar uma noção de paisagem patrimonial. As viagens pela Europa, África, Ásia e Américas constituíram roteiros que eram sempre perspetivados como enriquecimento humano e exercício comparativo de geografias físicas, sociais e humanas, ou, às vezes, como necessidade imperativa de «sair», para se libertar da atrofia do país que cerceava os espíritos¹².

⁹ *Idem*: 174.

¹⁰ *Idem*, 1974: 83.

¹¹ *Idem*, 1990a: 19-20.

¹² *Idem*, 1974: 178.

*Aeroporto de Montreal, Canadá, 4 de março de 1984 – [...] Num plaino imenso assim, coberto de neve, só consigo imaginar homens igualmente rasos e gelados, que mal poderão compreender um sangue ibérico, tumultuoso e quente. Homens como que a hibernar dentro da condição*¹³.

*Oaxaca, México, 6 de março de 1984 – [...] Entretanto, vou gastando o resto das horas a percorrer a pé e a comparar na memória a cidade colonial barroca do conquistador com a Ouro Preto mineira, barroca também, pondo em paralelo o génio castelhano e o português, um sempre desmedido e o outro sempre maneirinho, um a erguer catedrais e o outro a construir capelinhas. Não há dúvida: até fora da península a nossa heterogeneidade se manifesta. Somos iniludivelmente uma singularidade nacional no temperamento, na ação e na cultura. Temos é pouca consciência disso*¹⁴.

*Macau, 8 de junho de 1987 – [...] Nunca tinha tido uma experiência assim de caminhar tantas horas em levitação. Tudo nesta terra é simultaneamente natural e mágico, concreto e abstrato, imóvel e fugidio. [...] Durante um banquete a que assisti, houve uma exibição de ranchos folclóricos. E lá vi a dança do dragão e o vira do Minho de mãos dadas no mesmo palco, a conciliação insólita da profundidade mítica com a superficialidade coreográfica. [...] Miragem tangível, desafio à nossa razão, à nossa sensibilidade e ao nosso senso comum, Macau não é uma realidade que se apreenda com nitidez. É como que um sonho confuso de Portugal*¹⁵.

Os espaços dotam-se de significado nos textos de Miguel Torga e neles vão constituindo geografias literárias, operadas pelo olhar subjetivo com que o autor os perspetivou. O trabalho literário torna-se, assim, inspirado e impregnado pelos espaços que explora, ilustrando os modos através dos quais a literatura interage com o mundo, mas também a forma como os modos de lidar com o mundo são passíveis de uma textualização literária¹⁶.

O elogio da *viagem*, enquanto possibilidade de autoconhecimento e de redimensionamento humano – tão bem sugerida no seu poema homónimo – contextualiza uma vida feita de caminhadas, de passeios e de viagens, onde cada espaço constituía simultaneamente uma coordenada geográfica e um molde humano, no entendimento de que esta era uma Terra de homens e de que era preciso perceber que tipos humanos brotavam de cada chão¹⁷.

O espaço constitui, pois, sem sombra de dúvida, uma referência fundamental na obra deste escritor. Seja pelo confronto entre a terra natal transmontana e as outras terras portuguesas, seja pelo aferição entre um *dentro* português e um

¹³ *Idem*, 1987a: 79.

¹⁴ *Ibidem*: 80-81.

¹⁵ *Idem*, 1990a: 22.

¹⁶ TALLY, 2011: x.

¹⁷ TORGA, 1991c: 115.

fora universal, muitos dos seus textos sugerem maneiras singulares de habitar o mundo, sempre perspetivadas a partir de uma ancoragem geográfica que, como já se disse, é medularmente transmontana e ibérica, e impregna o espaço observado ou vivido de uma intensa subjetividade. De facto, essa medula geográfica e orgânica conferiu a Torga um esteio identitário com que orgulhosamente se definiu¹⁸, e a partir do qual perspetivava outras paragens, sem, no entanto, se deixar enredar num qualquer atavismo atrofiador de horizonte.

A passagem da fronteira espanhola suscitava-lhe reflexões recorrentes sobre o presente e o passado das relações entre Portugal e Espanha. A forma como refere as suas «surtidas» (cujo significado sintomaticamente esclarece – «saída de sitiados contra sitiados») mostra uma consciência vincada de fronteira, que o faz admitir que os «marcos fronteiriços» do instinto ainda não tinham sido arrancados e que os portugueses eram ainda «súbditos potenciais»¹⁹. O confronto entre as coordenadas geográficas e humanas dos dois países fazia-o encarar a vastidão geográfica e a monumentalidade da vizinha Espanha como «instrumentos virtuais de domínio»²⁰, ideia que posteriormente se esbaterá à medida que a sua portugalidade foi encontrando na geografia portuguesa o terreno conforme ao seu destino humano. Convencido de que a largueza geográfica conferia largueza de espírito e que os espanhóis, como outros povos em geral, pensam e constroem em grande e por isso são grandes, deliciava-se na contemplação das praças e das catedrais e lamentava que Portugal fosse sobretudo um país de capelinhas²¹. A sua noção de pátria, de chão patrimonial, que o autor define como «resplendor temporal de um caleidoscópio de eternas diversidades naturais»²², emerge desta comparação permanente de geografias, de formas de encarar o mundo, de vivências e de atmosferas:

Lisboa, 4 de Setembro de 1954 – A pátria. [...]

O espaço vital diminui, e já nem como cidadão do mundo o homem respira com desafogo. Acontece, porém, que, apesar de todas as evidências intelectuais, há um meio específico onde cada indivíduo é menos infeliz. E o meu é este. [...] E tudo o que disse, diga e disser, mais não é do que a expressão profunda da minha experiência histórica, social, telúrica, religiosa ou outra, vivida aqui. Em função desses valores é que valorizo outros valores alheios, a maior parte das vezes maiores do que os meus. Mas valorizo-os sem medularmente aderir aos seus encantos. O espírito entende-os e a fisiologia repele-os»²³.

¹⁸ *Idem*, 1987a: 175.

¹⁹ *Idem*, 1991c: 142.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ *Idem*, 1987: 80-81.

²² TORGA, 2000a: 277.

²³ *Idem*, 1983a: 146.

Segura, 20 de Outubro de 1979 – Começo a caber na pátria. Já não olho a fronteira com a inquietação de outrora. O corpo e o espírito vão-se acostumando à ideia de que os sete palmos nacionais de terra chegam perfeitamente para consumir um destino humano²⁴.

Mas a pátria é um íman, mesmo quando a universalidade do homem, como neste preciso momento, sai finalmente dos tacanhos limites do planeta. Poucos resistem à sua atração ao verem-se longe dela, seja qual for a órbita em que se movam²⁵.

Lisboa, 16 de Setembro de 1953 – A pátria tem pelo menos a vantagem de ser como a roupa velha: anda-se bem dentro dela. Nenhum esforço de imaginação, nenhum pedido urgente à memória, nenhum terramoto na sensibilidade. O bom e o mau com que se tropeça nos costumes, na arte e nas instituições é também da nossa responsabilidade. E o espírito justifica-se como qualquer aldeão do Barroso, a comer e a oferecer pão de centeio e presunto às visitas:

– É o que há!...²⁶

Se o reino maravilhoso de Trás-os-Montes é a âncora fundamental de Miguel Torga, o conhecimento profundo das restantes províncias portuguesas ajudou a consolidar a sua topografia íntima e a do coletivo português. Ao textualizar as suas impressões, Torga ajudou também os seus leitores a perceberem o território, as atitudes, os valores e a linguagem dos homens que o habitavam, assim construindo um património multifacetado criado no e pelo texto.

Évora, 14 de Fevereiro de 1942 – Rendo-me. Diante de uma realidade assim, rendo-me, e digo mais: que vale a pena, afinal, haver história, haver arquitectura, e haver respeito por quantos souberam ser antes de nós bichos e poetas do seu casulo. E por isto: porque até hoje, em Portugal, só esta terra me deu a justa medida e a justa prova da séria e humana pegada que deixaram no seu caminho nossos pais. Para que me surja vivo e sagrado aos olhos o que os meus antepassados fizeram, é preciso que a lição recebida seja ao mesmo tempo testemunho e destino. Ora nenhuma cidade nossa, salvo Évora, foi capaz de me dizer com pureza e beleza que eu sou latino, que eu sou árabe, que eu sou cristão, que eu sou peninsular, que eu sou português, – que eu sou a trágica mistura de sangue místico e pagão que faz de mim o homem desgraçado que sabemos²⁷.

Olhão, 16 de Fevereiro de 1942 – Isto de luzes, não há dúvida nenhuma, é do Tejo para baixo. A cor duma serra de Trás-os-Montes tem na verdade muito que se lhe

²⁴ *Idem*, 1983b: 118.

²⁵ *Idem*, 1987b: 10.

²⁶ *Idem*, 1983a: 56.

²⁷ *Idem*, 1977a: 27.

*diga; mas, comparada com estes desvairamentos de tinta, é o mesmo que pôr um Caravaggio ao lado dum Tintoreto. De resto, em abono do que digo, lá está a nossa literatura a falar como gente: o Camilo a descrever paixões negras em Trás-os-Montes, e o Fialho a ceifar searas de sol no Alentejo*²⁸.

Piódão, 24 de Outubro de 1965 – Olho do alto da serra as aldeias cavernícolas que nos boqueirões esperam em vão pelo sol natural e social, ponho-me a pensar no que vai pelo mundo, e em vez da revolta antiga invade-me uma espécie de confuso contentamento instintivo.

*Qualquer coisa dentro de mim sente-se nelas preservado, defendido das mil agressões do momento. É como se as raízes mais profundas do meu ser se vissem de repente em segurança no desterro de cada um destes redís primitivos, transformados milagrosamente pelo próprio abandono em promissoras ilhas de reserva humana*²⁹.

*Elvas, 10 de outubro de 1976 – [...] Em toda as terras da pátria, é da minha confrontação que se trata, antes de mais. Estou ou não estou certo ali? As pessoas, os monumentos e o ar que se respira cabem em qualquer das páginas que escrevi? A grafia não destoará de alguma maneira no seu foral*³⁰?

A terra transmontana é, porém, e sempre, o seu chão matricial a partir do qual explicou o seu humanismo radical e a sua tenacidade hirta e pedregosa, mas sempre nobre, como o granito. As suas coletâneas *Contos da Montanha*, *Novos Contos da Montanha* e até, em certa medida, *Bichos*, bem como o romance *Vindima*, refletem a sua devoção à terra transmontana e à fibra humana que ela produzia, para o bem e para o mal. No cunho testemunhal que estas obras adquirem exibe-se não só um património paisagístico, mas também um modo muito próprio de estar na vida que serve de ponto de observação, de reflexão e de mapeamento histórico, humano, social, cultural e telúrico. Quando se equacionam valores prospetivos em torno do património, convém não esquecer que, tal como afirma Torga no Prefácio a *Vindima*, «Conhecer o passado ajuda às vezes a entender o presente»³¹. As impressões que foi textualizando erigem-se em marca histórica e cultural de um povo e de uma região e, nessa medida, fixam um património que se dá a ver e a refletir através da letra do texto. Como neste excerto do *Diário XII*:

S. Martinho de Anta, 19 de Setembro de 1974 – Deixo morrer a tarde, à sombra do noveleiro, a olhar um ninho de melro que já criou e a ouvir gemer a cadela cheia de cio na loja. Minha irmã, de chapéu de palha, guarda o milhão estendido na eira, a mexê-lo de vez em quando às rodadas, num ritmo que já vem dos nossos avós. E o

²⁸ *Ibidem*: 28.

²⁹ *Idem*, 1991b: 68.

³⁰ *Idem*, 1986: 162.

³¹ *Idem*, 1999: 13.

ninho vazio, a cadela aluada e o milhão a ser assim mexido enchem-me de não sei que sensação de mistério. Invade-me um estranho sentimento de sagrado, misto de pânico e de deslumbramento, de negrura e de iluminação. O que sei eu desta linhagem de melros que desde que me conheço habitam no meu quintal? Que força oculta exalta o instinto de procriação da perdigueira? Que hereditariedade determina em minha irmã os gestos ancestrais? Que ordem oculta reina no cosmos para além dos preceitos transitórios das legislações humanas? [...] ³².

Ou neste trecho sobre os derradeiros dias de Vilarinho das Furnas, no Gerês, antes de as águas represadas do rio Homem a submergirem para sempre, pondo fim a um dos últimos redutos de vida comunitária do nosso país:

Gerês, 6 de Agosto de 1968 – Derradeira visita à aldeia de Vilarinho das Furnas, em vésperas de ser alagada, como tantas da região. Primeiro o Estado, através do Serviços florestais, espoliou estes povos pastoris do espaço montanhês de que necessitavam para manter os rebanhos, de onde tiravam o melhor da alimentação – o leite, o queijo e a carne – e alicerçavam a economia – a lã, as crias, e as peles; depois o super-Estado, o capitalismo, transformou-lhes as várzeas de cultivo em albufeiras – ponto final das suas possibilidades de vida. E assim, progressivamente, foram riscados do mapa alguns dos últimos núcleos comunitários do país. Conhecê-los era rememorar todo um caminho penoso de esforço gregário do bicho antropeide, desde que ergueu as mãos do chão e chegou a pessoa, os instintos agressivos transformados paulatinamente em boas maneiras de trato e colaboração. Talvez que o testemunho de uma urbanidade tão dignamente conseguida, com a correspondente cultura que ela implica, não interesse a uma época que prefere convívios de arregimentação embrutecida e produtiva, e dispõe de meios rápidos e eficientes para os conseguir, desde a lavagem do cérebro aos campos de concentração. Mas eu ainda sou pela ordem voluntária no ócio e no trabalho, por uma disciplina cívica consentida e presente, a que os heréticos chamam democracia de rosto humano. De maneira que gostava de ir de vez em quando até Vilarinho presenciar a harmonia social em pleno funcionamento, sem polícias fardados ou à paisana. Dava-me contentamento ver a lei moral a pulsar quente e consciente nos corações, e a entreajuda espontânea a produzir os seus frutos. Regressava de lá com um pouco mais de esperança nos outros e em mim.

Do esfacelamento interior que vai sofrer aquela gente, desenraizada no mundo, com todas as amarras afetivas cortadas, sem mortos no cemitério para chorar e lajes afeiçoadas aos pés para caminhar, já nem falo. Quem me entenderia ³³?

³² *Idem*, 1986: 83.

³³ *Idem*, 1991c: 11-12.

A homenagem à aldeia de Vilarinho, deixada na letra do texto poético, traça de forma mais pungente ainda a sua identidade paisagística e patrimonial, fazendo nascer o desejo de ir ver a paisagem e de, no local, aferir a nossa sensibilidade confrontando-a com a do poeta. Nesse processo, pela mediação do texto literário, a paisagem de Vilarinho das Furnas, ainda que pela ausência da aldeia entretanto submersa, ou pelas suas ruínas expostas em anos de seca extrema, sublima-se, ultrapassando a dimensão de património físico e social perdido, perpetuando-se inteira no imaginário do leitor:

Barragem de Vilarinho da Furna, 18 de Julho de 1976

Requiem por Vilarinho

Viam a luz nas palhas de um curral,
Criavam-se na serra a guardar gado.
À rabiça do arado,
A perseguir a sombra nas lavradas,
Aprendiam a ler
O alfabeto do suor honrado.
Até que se cansavam
De tudo o que sabiam,
E, gratos, recebiam
Sete palmos de paz num cemitério
E visitas e flores no dia de finados.
Mas, de repente, um muro de cimento
Interrompeu o canto
De um rio que corria
Nos ouvidos de todos.
E um Letes de silêncio represado
Cobre de esquecimento
Esse mundo sagrado
Onde a vida era um rito demorado
*E a morte um segundo nascimento*³⁴.

Pelo olhar subjetivo do criador literário e pela textualização das suas impressões, a identidade paisagística, histórica e cultural do lugar ganhou também identidade literária, e essa, pelo exercício da leitura ou da evocação da letra do texto, permanecerá viva e ativa, assegurando a tessitura entre os fios do texto e a vida, prestando-se assim a uma abordagem geopoética fecunda:

³⁴ *Idem*, 1986: 154.

Si la lecture ne donne pas au bout du compte le désir de partir ou d'explorer l'environnement immédiat, si elle ne réactive pas autrement dit l'appel du dehors, si elle ne contribue pas à la densification de la présence au monde, c'est que la posture prise n'aura pas déployé tous les possibles de la géopoétique, c'est qu'elle n'aura pas été suffisamment en prise avec la vie³⁵.

A literatura erige-se, deste modo, em agente poético de representação, divulgação, recriação e preservação de um património reconhecido e consolidado no e pelo texto. Filtrado pelo olhar subjetivo do criador, e depois pelo do leitor e/ou observador, o património, textualizado, torna-se dupla ou múltipla paisagem, pois que a partir dele se engendrarão novas subjetividades, ancoradas, porém, num mesmo chão.

Em *The production of Space* (1974), Henri Lefebvre afirma: «Space matters. Space is never neutral or “innocent”. It is produced by society through complex subjective relations between who is perceiving it, how it is used and surveyed³⁶». Se, como diz Lefebvre, um espaço nunca é neutro – porque não o concebemos abstraído de um determinado olhar – a textualização da paisagem efetuada por Torga produz espaço, sim, iluminando e fecundando um património paisagístico de excelência, dimensionado sempre à escala humana, como torna claro nestas palavras do *Diário II*:

Açor, Serra da Lousã, 25 de Outubro de 1942 – [...] Devo à paisagem as poucas alegrias que tive no mundo. Os homens só me deram tristezas. Ou eu nunca os entendi, ou eles nunca me entenderam. [...] A terra, com os seus vestidos e as suas pregas, essa foi sempre generosa. [...] Vivo a natureza integrado nela, de tal modo que chego a sentir-me, em certas ocasiões, pedra, orvalho, flor ou nevoeiro. Nenhum outro espetáculo me dá semelhante plenitude e cria no meu espírito um sentido tão acabado do perfeito e do eterno³⁷.

Será esta dimensão telúrica que impregna os textos de Miguel Torga de uma profundidade humana a que é impossível ficar indiferente. Será esse humanismo, também, que direciona o olhar e ensina a ver. O português atento e sensível que visita o Gerês olhará certamente a paisagem de uma outra forma, se ao chegar ao miradouro da Pedra Bela gastar alguns instantes a ler este poema gravado em chapa cravada na pedra:

³⁵ BOUVET, 2015: XXI.

³⁶ *Apud* GARCIA, s/d: 10.

³⁷ TORGA, 1977a: 71-72.

Gerez, Pedra Bela, 20 de Agosto de 1942.

Pátria

Serra!

E qualquer coisa dentro de mim se acalma...

Qualquer coisa profunda e dolorida

Traída, feita de terra

E alma.

Uma paz de falcão na sua altura

A medir as fronteiras:

– Sob a garra dos pés a fraga dura,

E o bico a picar estrelas verdadeiras...³⁸

Não se tratará apenas então da leitura de um belo texto poético, mas da experiência de leitura, *in loco*, de uma representação subjetiva e apaixonada de um pedaço de património comum, mais vivo e mais significativo, e ao qual se sente pertencer mais. O sentimento de portugalidade passa também por aqui, nesta exaltação textual que seduz o olhar e o faz ver melhor:

S. Leonardo da Galafura, 8 de Abril de 1977 – O Doiro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso da natureza. Socalcos que são passadas de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor pintou ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis de visão. Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a reflectir o seu próprio assombro. Um poema geológico. A beleza absoluta³⁹.

Gerês, 26 de Agosto de 1958 – Quatro horas de serra. De vez em quando gosto de pôr à prova a fibra herdada dos maternos avós almocreves, para que lá na eternidade não se sintam atraçoados junto dos paternos cavadores, que rememoro como posso diariamente.

Meti a direito pelos fragedos, e foi até o corpo dizer basta. Gargantas temerosas que engolem o tempo e o silêncio, e que o vento – respiração da natureza – atravessa a uivar, ribeiros que se despenham nos abismos num ímpeto lírico e suicida, lagoas límpidas e secretas, onde ninguém lava a impureza. Graníticos e orgulhosos, os pínca-ros viam-me aproximar e cerravam a catadura. Mas levei ao alto de todos a minha cordialidade humana. Por honra da firma, como já disse, e por serem a única grandeza de Portugal com que apetece a gente medir-se⁴⁰.

³⁸ *Idem*, 1977a: 57.

³⁹ *Idem*, 1986: 176-177.

⁴⁰ *Idem*, 1976: 151.

*Alijó, 14 de Janeiro de 1990 – Às vezes tenho a impressão de que nasci para dar testemunho – alto e bom som do mundo inteiro, de Portugal a meia voz, e do Doiro em murmúrio de confissão*⁴¹.

A dispersão da contemporaneidade, potenciada pela globalização, tem vindo a esbater a relação que os indivíduos naturalmente entretencem com os seus lugares de origem, substituindo-os facilmente por parateiros provisórios, de tal modo que, como afirmam Morley and Robins (1993), «places are no longer clear support of our identity⁴²». Torga era já sensível a essa realidade em 1962, quando afirmava que as pátrias iam findando dentro de nós, seduzidas pela tentação do universal⁴³. Ainda assim, o chão português manterá sempre vivo o seu apelo de terra-mãe, como deixa evidente nestes versos: «Quanto mais longe vou, mais perto fico / De ti, berço infeliz onde nasci. / Tudo o que tenho, o tenho aqui / Plantado»⁴⁴.

S. Martinho de Anta será sempre *a sua paisagem*, o tropismo de retorno à origem onde ia buscar «terra nas unhas» para aguentar os embates de outras paragens. E, ainda que pontualmente a aldeia natal seja remetida a uma «arqueologia de sentimentos»⁴⁵, ela é, de facto, esse local matricial de referência donde irradiam e a partir do qual se perspectivam todos os caminhos.

*S. Martinho de Anta, 22 de Novembro de 1959 – Paro um momento no meio das encostas a tomar fôlego, e ponho-me logo a magicar na significação destas visitas, que obedecem sempre ao mesmo ritual: à vinda, do alto do Marão, cumprimento, apenas topográfica e sentimentalmente, a Senhora da Azinheira; à ida, recebo em Sabrosa, das mãos vizinhas de Fernão de Magalhães, passaporte para todas as inquietações; no intervalo, inventario as fragas nativas. Três tempos, com três sentidos escalonados: o do céu perdido, o do ninho limitado e o da terra inteira abraçada...*⁴⁶

Patrícia Garcia defende a ideia de que o espaço é uma entidade dinâmica sempre em construção e constantemente sujeita à incorporação de novos significados, tantos quantos forem os olhares, as emoções e as circunstâncias de vida⁴⁷. Nesse sentido, a inscrição artística de um espaço confere-lhe densidade humana, identidade e historicidade. Ora, a opinião de Torga, com que se abriu este texto, sobre o retrato que Eça de Queirós deixou de Leiria n' *O Crime do Padre Amaro*,

41 *Idem*, 1993: 11.

42 *Apud* GARCIA, s/d: 8.

43 TORGA, 1977b: 93.

44 *Idem*, 1986: 39.

45 *Idem*, 1978: 56.

46 *Idem*, 1976: 194.

47 GARCIA, s/d: 9.

deve, obviamente, ser enquadrada no contexto português dos anos quarenta do século XX, estagnados e atrofiados pelo provincianismo e fechamento a que a ditadura obrigava, e, por isso, certamente pouco diferentes dos da sociedade novecentista retratada por Eça. Nessa medida, ao deixarem-se impregnar pelo espaço observado e pela atmosfera que dele respirava, os textos dos dois autores conferiram a Leiria uma identidade literária, cartografaram-na literariamente. Ao fazê-lo, inscreveram a cidade num tempo e numa perspetiva do olhar que outros, ao longo do tempo, refletirão e redimensionarão de acordo com novas cartografias humanas e existenciais.

BIBLIOGRAFIA ATIVA SELECIONADA

- TORGA, Miguel, (1973a) – *Diário III*. Coimbra: Edição do autor, 3.^a edição.
_____, (1973b) – *Diário IV*. Coimbra: Edição do autor, 3.^a edição.
_____, (1974) – *Diário V*. Coimbra: Edição do autor, 3.^a edição revista.
_____, (1975) – *Novos Contos da Montanha*. Coimbra: Edição do autor, 6.^a edição revista.
_____, (1976) – *Diário VIII*. Coimbra: Edição do autor, 3.^a edição revista.
_____, (1977a) – *Diário II*. Coimbra: Edição do autor, 4.^a edição.
_____, (1977b) – *Diário IX*. Coimbra: Edição do autor, 2.^a edição.
_____, (1978) – *Diário VI*. Coimbra: Edição do autor, 3.^a edição.
_____, (1983a) – *Diário VII*. Coimbra: Edição do autor, 3.^a edição revista.
_____, (1983b) – *Diário XIII*. Coimbra: Edição do autor, 1.^a edição.
_____, (1986) – *Diário XII*. Coimbra: Edição do autor, 3.^a edição revista.
_____, (1987a) – *Diário XIV*. Coimbra: Edição do autor, 1.^a edição.
_____, (1987b) – *Contos da Montanha*. Coimbra: Edição do autor, 7.^a edição.
_____, (1989) – *Diário I*. Coimbra: Edição do autor, 7.^a edição.
_____, (1990a) – *Diário XV*. Coimbra: Edição do autor, 1.^a edição.
_____, (1990b), – *Bichos*. Coimbra: Edição do autor, 18.^a edição.
_____, (1991a) – *A Criação do Mundo*. Coimbra: Edição do autor, 1.^a edição conjunta.
_____, (1991b) – *Diário X*. Coimbra: Edição do autor, 2.^a edição revista.
_____, (1991c) – *Diário XI*. Coimbra: Edição do autor, 2.^a edição.
_____, (1993) – *Diário XVI*. Coimbra: Edição do autor, 1.^a edição.
_____, (1999) – *Vindima*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, Lda, 6.^a edição.
_____, (2000a) – *Ensaios e Discursos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
_____, (2000b) – *Poesia Completa*. Lisboa Publicações Dom Quixote.

BIBLIOGRAFIA CRÍTICA SELECIONADA

- BACHELARD, Gaston (1957) – *La Poétique de l'Espace*. Paris: Presses Universitaires de France, 3^e édition. Disponível em <https://gastonbachelard.org/wp.../BACHELARD-Gaston-La-poetique-de-l-espace.pdf>. [Consulta realizada em 7 de abril de 2017].
BOUVET, Rachel (2015) – *Vers une approche géopoétique* : lectures de Kenneth White, Victor Segalen, J.-M.C. Le Clézio. Québec: Presses de l'Université du Québec.

- DOUDET, Caroline – «Géocritique : théorie, méthodologie, pratique». *Acta fabula*, vol. 9, n.º 5. Disponível em <<http://www.fabula.org/revue/document4136.php>>. [Consulta realizada em 2 de maio de 2017].
- GARCIA, Patrícia (s/d) – *Geocriticism: an Emerging Field in Comparative Literature*. Disponível em <www.academia.edu/.../Geocriticism_an_Emergency_Field_in_Comparative_Literature>.
- ____ (2015) – J. G. Ballard's *One-Man Worlds*. «Reflexiones Marginales», Universidad Nacional Autónoma de México, Facultad de Filosofía y Letras, n.º 28. Disponível em <http://reflexionesmarginales.com/3.0/j-g-ballards-one-man-worlds/#_edn3>. [Consulta realizada em 7 de abril de 2017].
- LAUREL, Maria Hermínia (2017) – «Nota de abertura» à tradução de alguns capítulos de *La Géocritique: Réel, fiction, espace*, de Bertrand Westphal. Porto: Edições Afrontamento, Lda.
- NÓVOA & NÓVOA (2015) – *Três conversas de espaço*. In *Finisterra*, L, 100, p. 81-87. Disponível em <revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/7865>.
- TALLY, Robert T. Jr (2011) – *The Timely Emergence of Geocriticism*. Translator's preface in *Geocriticism: Real and Fictional Spaces*. New York: Palgrave Macmillan.
- ____ (2014a) – *Geocriticism in the Middle of Things: Place, Peripeteia, and the Prospects of Comparative Literature*. In LEVY, Clément; WESTPHAL, Bertrand, dir. – *Géocritique: États des lieux/ Geocriticism: A Survey*. Limoges: PULIM, p. 6-15.
- ____ (2014b) – *U Views Until the Dragon Comes: Geocriticism and the Prospects of Comparative Literature*. «Inquire: journal of comparative literature». Disponível em <<http://inquire.streetmag.org/articles/125>>. [Consulta realizada em 5 de abril de 2017].
- WESTPHAL, Bertrand (2007) – *La Géocritique: Réel, fiction, espace*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- GAGO, Dora Nunes (2012) – «Os rostos» da Europa no *Diário de Miguel Torga: da falibilidade da história ao declínio do presente*. «RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro», n.º 1 (II-Série), p. 39-51.
- SOUSA, Carlos Carranca O. (2012) – *A ideia da Europa no Diário XVI de Miguel Torga*. «RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro», n.º 1 (II-Série), p. 31-38.
- TUAN, Yi-Fu (s/d) – *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis, London: University of Minnesota. Disponível em <<https://www.academia.edu>>Yi_Fu_Tuan_Space_and_Place>.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles (2003) – *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, Tomo V.